FOUCAULT, LENDO KANT: MODERNIDADE E POLÍTICA

Guilherme Castelo Branco[1]

Resumen:

La influencia de Kant en la obra de Michel Foucault duró toda su vida intelectual del filósofo francés. Desde su tesis doctoral hasta su último curso en el Colegio de Francia, Kant fue un interlocutor activo en su lectura filosófica del pasado y el presente.

En su último curso, en el que el filósofo hace una interrupción inesperada, que es significativa e importante, afirmando que Kant asume tanta prominencia en la ética, que flamea desde el pasado y tiene pleno significado hoy en día.

¿Cómo se puede tratar la *parresia,* el cuidado de sí mismo, un concepto de la Grecia clásica y también del período helenístico, a través de Kant?

En la clase del 5 de enero de 1983, el último curso de Foucault, bajo el título *Le gouvernement de soi et des autres*, el filósofo francés advierte del proceso histórico llevado a cabo por la *Ausgang,* que es una transición de un estado a otro personal y social, en el que no sólo el ser humano, pero el colectivo, entrará(n) en un proceso de invención de sí mismo en la autonomía. La ética y la política se entremezclan en el pasado y en la modernidad, según la interpretación francesa de Foucault.

PALABRAS CLAVE
Foucault; Kant, ética, política, libertad

Abstract:

Kant's influence on Michel Foucault's work lasted his entire intellectual life as the French philosopher. From his doctoral thesis to his last year at the College of France, Kant was an active interlocutor in his philosophical reading of the past and present.

In his last year, in which the philosopher makes an unexpected interruption, which is significant and important, stating that Kant assumes so much prominence in ethics, that it flames from the past and has full meaning today.

How can p*arrhesia*, like caring for itself, a concept of classical Greece and also the Hellenistic period, be treated through Kant?

In the class of January 5, 1983, the last year of Foucault, under the title *Le gouvernement de soi et des autres*, the French philosopher warns of the historical process carried out by the *Ausgang*, which is a transition from one state to another personal and social, in which not only the human being, but the collective, will enter into a process of invention of itself in autonomy. Ethics and politics intermingle in the past and in modernity, according to Foucault's French interpretation.

KEY WORD
Foucault; Kant, ethics, politics, freedom

A importância de Kant na obra de Michel Foucault fica evidenciada a partir do apêndice à sua tese de doutoramento, que consistiu na tradução do *Antropologia* do filósofo alemão, que deixa marcas ao longo de sua obra; na verdade, Kant surge no decorrer de trinta anos dos textos e cursos de Foucault de forma muito dissimétrica e por vezes inesperada. Nosso propósito é analisar uma das últimas leituras, muito intrigante, do filósofo do Esclarecimento feitas por Foucault.

Cabe observar que os livros de Foucault, assim como seus cursos no Collège de France(todos já publicados em forma de livro), em certos casos, trazem guinadas surpreendentes. Por exemplo, no *Em defesa da sociedade*, como num passe de mágica, nos capítulos finais, é feita uma análise inovadora e fora do contexto do curso, sobre o Racismo de Estado e seus nexos com o biopoder. Do mesmo modo, no meio do curso com o título *Segurança, Território, População*,

surge repentinamente considerações sobre a 'governamentalidade'. Tais episódios, portanto, não são raros.

Mas a descontinuidade que mais chama a atenção, no meu entender, está no seu último curso, realizado nos anos dois anos finais da sua vida, quando se dedica à ética na Grécia e Roma antiga. O curso que merece atenção é *O governo de si e dos outros*, que se inicia na aula de 5 de janeiro de 1983. O tema do curso diz respeito à "...*parresia*, ao discurso verdadeiro na ordem da política. Parece-me que tal estudo permitiria ver{....} o problema das relações entre governo de si e governo dos outros, incluindo, neste caso, a gênese, a genealogia do discurso político em geral"(FOUCAULT, 2008, pág. 8). Centrado no período helenístico, entre os séculos II e III de nossa era, o problema da coragem de enunciar a verdade, em um período conturbado como foi o império romano, se revela como uma atividade elevada e feita por pessoas de uma camada espiritual especialmente preparadas para exercer a livre atividade do discurso no mundo pessoal, da cidade e da política. "a parresia é isto: uma estrutura política"(FOUCAULT, 2008, pág. 63).

Manejada por alguns poucos que possuem a virtude para viver de acordo com suas convicções democráticas, e, sobretudo de destemidamente falar em público suas tomadas de posição de forma livre, o parresiasta sabe usar sua palavra de modo apropriado a seu tempo, à sua conjuntura, sem ceder de sua condição livre: "... o parresiasta é aquele que faz valer sua liberdade de indivíduo que fala"(FOUCAULT, 2008, pág. 69). O jovem político, bem preparado e ainda que afastado, ainda que não o deseje, da cena política, tem condições de revelar seu lugar, seu papel e sua condição de cidadão livre. A sua vida revela os signos de liberdade que todo parresiasta traz consigo, e revela sua excelência enquanto filho, retirado ou não, da cidade à qual pertence. Uma passagem mais extensa permite que tenhamos condições de compreender a potência livre da expressão: a parresia é uma palavra de "....'cima', acima do estatuto do cidadão, diferente do exercício puro e simples do poder. É uma palavra que exercerá o poder no contexto da cidade, seguramente em condições não-tirânicas, isto é, concedendo lugar a outras falas; isto é, a liberdade dos que aceitam deixar em primeiro lugar, e que podem deixar em primeiro lugar no jogo agonístico característico da vida política na Grécia , em especial em Atenas(FOUCAULT, 2008, pág. 98).

Em certo sentido, a questão em torno do discurso parresiástico articula o discurso do pedagogo, do conselheiro, do filósofo, dos súditos mais esclarecidos, com o príncipe, que é o detentor do poder, que tem como função governar os

outros. Uma questão que se abre: como alguém pode governar os outros sem ter o poder e a sensatez de se governar? Ou, diferentemente, não seria possível se auto governar sem necessidade de nenhum governante? Não residiria na própria ideia do governo de si o ponto inicial da ideia de autonomia? É através dessa ordem de problematização que Foucault introduz como referência Immanuel Kant.

Neste ponto, Foucault abre o leque das possibilidades de autonomização e torna o universo da política inter-temporal, com feixes de soluções que não se restringem a algum tempo determinado. É por isto que Kant, no seu entender, entra de modo categórico na questão das relações entre governo de si e governo dos outros, em um pequeno texto, e "este texto, se vocês me permitem, se relaciona simultaneamente com o que eu digo, e eu gostaria que a maneira como eu falo tenha uma certa relação com ele. O texto, claro, é de Kant, *Was ist Aufklärung?*".(FOUCAULT, 2018, pág. 9). Kant como pensador-chave para a leitura da problemática política no período helenístico é um projeto muito inusual, e cabe dizer que tem sentido, desde que a hipótese restrinja os textos kantianos a chaves de leitura que facilitam e inspiram que se realize uma leitura contemporânea das correntes filosóficas do passado.[2]

Texto publicado em jornal[3], como outros tantos textos de Kant, existe neste fato um elemento da maior importância para Foucault, no contexto do governo de si e dos outros: " ...O texto sobre a *Alfklärung* põe em cena, como um de seus conceitoscentais, ou como um dos conjuntos de conceitos, a noção de público, de *Publicum*"(ibidem). Com tal noção se mostra que existe uma relação efetiva entre o escritor e o leitor(entendido como leitor comum) ou, - dito de outra maneira- entre o *Gelehrter*(homem cultivado) e o leitor(entendido como sujeito qualquer). A troca de informação travada através do jornal que não é a mesma coisa que uma conversação entre sábios , em universidades ou sociedades científicas.

Por outro lado, a pergunta sobre a questão do esclarecimento já tinha sido abordada, no mesmo jornal, por outra pessoa, Menddelssohn, que não somente era judeu, mas também possuía extensos conhecimentos em todas as ciências

[2]Na verdade, existe uma leitura ou estudo do passado feita hoje, e que não seja marcada pelo hoje? Uma leitura contemporânea de filosofias anteriores(como as da antiguidade), por mais que se pretenda isenta, não estaria sempre marcada pelo selo da contemporaneidade? Existiria uma leitura ou interpretação pura do passado?

[3]O jornal é o *Berlinische Monatsschrift*, no qual Kant publicou vários artigos. Sem esquecer que ele também publicou em outras revistas.

sem possuir nenhum mestre, e ademais era uma comerciante judeu. Para a época, a coragem(ou ousadia) de Mendelssonhn era tida como espantosa. Kant recebe sua contribuição ao tema, o trata como pensador digno, e o respeita como um intelectual que possui liberdade de consciência. Que está em jogo, e é isto que Foucault ressalta, Kant e Menddelssohn "... postulam claramente, não somente o direito , mas a necessidade de uma liberdade absoluta, não somente de consciência, mas de expressão em relação a tudo que poderia ser um exercício da religião considerada como um exercício necessariamente privado"(FOUCAULT, 2008, pág. 11). A questão maior, portanto, não é a confrontação da *Aufkärung* cristã com a judaica, mas a possibilidade aberta pelo espaço público.

Ademais, outro aspecto importante que se abre à reflexão, nas margens do texto sobre o Iluminismo, é a questão da atualidade. Kant merece ser reencontrado, pois é o inaugurador, em múltiplos sentidos da vidada do classicismo para a modernidade. Qual foi seu foco e seu ponto de partida? Simples, na compreensão de Foucault: o pensamento, a partir da modernidade, não é monolítico, malgrado o enorme potencial da capacidade do entendimento, da razão e da sensibilidade na vida científica, intelectual, ética e política. Não é à toa que Kant escreveu três livros(as Críticas) sobre os diversos fundamentos e exercícios da racionalidade. Entra em cena, juntamente com a questão da crítica e dos limites do conhecimento(e até mesmo por isto), a questão da história. Nosso pertencimento ao hoje, à atualidade, abre espaço para a presença do tempo na ordem da razão, e permite a leitura da humanidade a partir de uma filosofia da história. E mais: não somente permite como exige que a atualidade seja objeto de conhecimento, de sentimento, e de compreensão do pertencimento ao tempo presente.

Não existe em Descartes e em boa parte dos filósofos clássicos a questão do momento presente, pois lida-se com uma racionalidade intemporal e monolítica, isto é, somente admitida como ponto de partida incondicional do conhecimento. Na Idade Clássica, a questão da representação e do conhecimento espera uma resposta de cáter intemporal. Não é o caso nem em Menddelssohn nem em Kant: " ....é uma questão pública que se levanta - , esta questão é outra. Não é simplesmente: o que é , na situação atual, que permite determinar esta ou aquela decisão de ordem filosófica? A questão se dirige apenas ao presente. Ela se dirige, para começar, sobre a determinação do presente que se tem que reconhecer, de discriminar, de decifrar, entre outras épocas"(FOUCAULT, 2008, pág. 13). A questão do presente e de sua singularidade no processo histórico, para Foucault,

surge pela primeira vez em Kant, em muitos de seus textos, e se apresenta na seguinte forma: " o que se passa hoje? O que está acontecendo agora? O que é este 'agora' no interior do qual todos estamos e que é o lugar, o ponto do qual eu escrevo?"(ibidem). O pertencimento ao presente histórico, assim, nada tem de individual, de privado, não é solipsista, nem se vincula à tradição; ademais, não implica em nenhuma adesão aos valores e crenças tradicionais das sociedades. Todo aquele que está vinculado a este 'nós' característico da *Aufklärung* está necessariamente articulado "... ao conjunto cultural característico de sua própria atualidade"(FOUCAULT, 2008, pág. 14). O pertencimento ao presente, por sua vez, implica que todo pensamento e todo pensador faça parte de um processo ininterrupto, no qual ele tem um papel, enquanto membro de um 'nós', de uma comunidade do presente, pela qual o discurso filosófico passa a ter um caráter acontecimental, e o filosofia receba sua característica outra, que é a de ser uma superfície de emergência. A partir deste ponto, com Kant, a filosofia passa a se interrogar pela modernidade.

A distância e o descompasso entre a modernidade e a Idade Clássica, a título de exemplo, é apresentado em outro pequeno texto de Foucault, também de 1984, 'O sujeito e o poder', nestes termos: "quando Kant pergunta , em 1784, *Was ist Auflkärung?*, ele diz: " o que se passa neste momento?", o que está acontecendo conosco? O que é este mundo, este período, este momento exato em que vivemos". Ou, para dizer de outro modo; "quem somos nós? Quem somos nós enquanto *Aufklärer*, enquanto testemunhas do século do Iluminismo?"(FOUCAULT, 1984, pág. 231, vol. IV). Na continuação, a comparação é feita: "comparemos com a questão cartesiana: o que eu sou? Eu, enquanto sujeito único, universal, a-histórico? Quem sou "eu", "eu", pois Descartes é todo mundo, não importa onde nem em qual momento"(ibidem).

Viver no tempo do Iluminismo também pode ser entendido pela existência de uma marca ou de um signo que sintetiza o presente histórico de Kant, de seus contemporâneos e de todos os participantes da modernidade. Este acontecimento é um signo capaz de mobilizar as pessoas, seja enquanto agentes, seja enquanto espectadores, que percebem a dimensão deste acontecimento histórico que é a proa, a crista da onda que absorve toda a intensidade do momento no qual se constrói , com vagar, a autonomia das coletividades. No *Conflito das Faculdades*, de 1798, na parte VI, para elucidar, Kant não somente afirma que houve uma revolução[4] que expressa o progresso, de maneira universal, da humanidade, como

[4]Kant nunca a nomeia, cabe notar.

também diz que ela traz em si mesma o progresso possível no seu tempo.[5] Existe esperança no curso da história: "eis uma proposição não somente bem intencionada e recomendável do ponto de vista prático, mas também válida a despeito de todos os incrédulos, mesmo na teoria mais severa: o gênero humano sempre esteve em progresso e continuará a sê-lo no futuro"(KANT, 1947, pág. 174) Tal convicção de Kant é mantida por Foucault, que afirma com todas as letras " a questão do *Aufklärung* [.....}, a meu ver, percorreu todo o pensamento, de Kant até o momento presente"(FOUCAULT, 2008, pág. 21).

A caminhada em direção ao esclarecimento, decorre, portanto, de *Ausgang*, de um impulso para seguir adiante, de uma ultrapassagem, de ir para além, para uma crescente autonomia. Segundo Foucault, este impulso se conhece, em primeiro lugar, negativamente, pois " não é um pertencimento, nem uma iminência, nem uma realização; também não é uma passagem, uma transição de um estado a outro...."(FOUCAULT, 2008, pág. 27). No seu lado afirmativo, *Ausgang* se revela como uma saída, um ir além, é uma superação da dependência de outrem e da condição de minoridade para uma situação de autonomia e de maioridade.

O *Was ist Aufklärug* , sem dúvida, responde à questão da entrada na Modernidade, como fruto da *Ausgang*. Kant o faz de forma decisiva: "o que é iluminismo? *A saída do homem de sua Minoridade*[6]*, pela qual ele mesmo é responsável. Minoridade*, ou seja, incapacidade de se servir de seu entendimento sem a direção de outra pessoa..."(KANT, 1947, pág. 46). A saída para a maioridade

[5] " Pouco importa se a revolução de um povo pleno de espírito, que vimos acontecer nesses nossos dias, tenha êxito ou fracasse, pouco importa se ela acumula miséria e atrocidades a ponto de que um homem sensato que pensava nela com a esperança de experimentá-la não se decida nunca a realiza-la a tal preço – esta revolução , eu digo, encontra ainda assim no espírito dos espectadores(que não estão engajados neste jogo) uma *simpatia* de aspiração que tremula no entusiasmo e cuja manifestação comporta perigo; esta simpatia, portanto, não pode ter outra causa senão uma disposição moral do gênero humano(KANT, 1947, pág. 171).

[6]Prefiro utilizar a palavra ' minoridade' a menoridade. A minoridade não é uma situação jurídica provisória, uma etapa qualquer da vida das pessoas. Isto sim, é menoridade. A minoridade é uma condição de grande número de pessoas, e é voluntária. Kant parece sustentar tal interpretação ao afirmar: " A preguiça e a lassidão são as causas que explicam porque um número tão grande de pessoas, depois que a natureza os libertou de uma direção exterior(*naturaliter maiorennes*), permanecem, entretanto, durante toda a sua vida, minores, e porque é tão fácil que outras pessoas se ponham como tutores delas. É tão fácil ser minor!"(KANT, 1947, ibidem); na verdade, os minores não são desprovidos de entendimento, pois de fato eles simplesmente abrem mão de seu direito à autonomia e do exercício da liberdade de consciência. Ao mesmo tempo, um pequeno grupo de pessoas se aproveita disto para se apresentarem como tutores, como responsáveis e diretores da vida de todos aqueles que abrem mão de sua maioridade.

não é fácil, alerta Kant, o que dificulta que ela possa se dar simplesmente de maneira individual e separada: "são pouco numerosos os que chegaram, através do trabalho de seu espírito, a superar sua minoridade e poder andar com passo firme. Mas que um público se esclareça por si mesmo, entra doravante no campo do possível, e isto é inclusive, por pouca liberdade que se conquiste, cada vez mais inevitável"(KANT, 1947, pág. 47). O público e o publicizado se irmanam na tarefa do esclarecimento, no qual o papel da educação e(em um sentido mais alargado), o da ideologia cumprem papel decisivo: "*Esclarecer o povo*, é lhe ensinar publicamente seus deveres e seus direitos face ao Estado ao qual pertence..."(KANT, 1947, pág. 175). Tais propagadores do esclarecimento, que não são profissionais do ensino oficiais do Estado, são divulgadores do direito e do pensamento livre, e que eventualmente, apoiados por princípios éticos, lutam contra as regras estabelecidas pelo Estado, "... e que são descritos como *propagadores do iluminismo*, como pessoas perigosas para o Estado"(ibidem). Nada mais óbvio, para Foucault, para quem existe desconexão, na maioridade, entre raciocínio e obediência.

Existe, deste modo, caráter agonístico, conflitante, entre autonomia e poder estabelecido, e segundo Kant este descompasso decorre não somente do uso da autonomia e maioridade, mas também e sobretudo da motivação que impulsiona a divulgação e prática vivida do Esclarecimento. Foucault deixa bem claro que que a ideia de Revolução não é apenas uma experiência histórica, como tal superável, " ... mas ao mesmo tempo como um valor, um valor operatório na história e no progresso da espécie humana"(FOUCAULT, 2008, pág. 21), e que é uma questão de filosofia relevante e incontornável.

A hipótese que podemos sustentar é a de que o pensamento de Kant leva Foucault a possuir uma visão otimista, anti-platônica[7], da história e da política: "Eu não admito nem a noção de mestria, nem a universalidade da lei[.....]. Pelo contrário, eu acredito que há mil coisas a serem feitas, para a se inventar, a ser forjadas por todos aqueles que, reconhecendo as relações de poder nas quais estão implicados, tomaram a decisão de resistir ou delas escapar. Deste ponto de vista, minha pesquisa se alicerça num postulado de otimismo absoluto"(FOUCAULT, 1984, vol. IV, pág. 93).

O processo do Esclarecimento, assim, põe em cena uma inovadora ruptura entre governo de si e governo dos outros, que passa a ser considerada como o "....

[7]E em desacordo com Hesíodo, em quem Platão se apoia na sua concepção da história política como decadência e degradação humana .

ajuste entre um governo de si que se fará na forma do universal(como discussão pública, raciocínio público e uso público do entendimento), e, de outro lado, o que é da obediência, obediência à qual estão obrigados todos aqueles que tomam parte de uma determinada sociedade, de determinado Estado, de uma determinada administração"(FOUCAULT, 2008, pág. 37). A vida política e ética não elide o uso privado nem o submete ao domínio público; na verdade, o domínio privado, na ética, traz em si necessariamente o domínio público, o que contradiz o senso comum. Desde Kant, o individual e o universal deixam de se opor ou se contradizer, pois no campo da ética, a excelência ética do indivíduo é encarnação de valores éticos universais, que justificam lutas de resistência.

Em entrevista a respeito de novas formas de criação da vida pessoal e da política, na atualidade,[8] Foucault ressalta que os movimentos sociais nas últimas décadas(a partir doa anos sessenta), conseguiram conquistas que não foram feitas de maneira partidária e de forma centralizada. No seu entender, tais movimentos tem modos de poder emanador que não decorrem do poder político/ partidário organizado. " uma das coisas que se deve preservar, no meu entender, é a existência, fora dos grandes partidos políticos e fora de seus programas normais e corriqueiros, de uma certa forma de inovação política, de criação política, de experimentação política"(FOUCAULT, 1984, vol. IV, pág. 746). A importância desses movimentos vem da autonomia ou independência de seus propósitos, que não são feitos na dependência de nenhum guia. São movimentos feitos a partir da adesão livre dos agentes políticos envolvidos, ou seja, a partir de decisões cuja razão de ser não é tutelada e subalterna. Nessas ocasiões, parece existir certo predomínio da excelência ética e de inconformismo esclarecido. Momentos propícios para o exercício da autonomia.

Seria assim há tantos séculos, na antiguidade? Tal dúvida fica no ar. Em especial, a proposta kantiana da razão de ser para o futuro da modernidade, como fruto do entusiasmo pela Revolução, indicada por Foucault na aula de 05 de janeiro de 1983, parece ser absolutamente desvinculada do pensamento antigo. Por outro lado, o texto de Kant, que antecipa o entusiasmo pela revolução, é a proposição(a meu ver o desafio) lançado ao rei da Prússia no texto de 1984 sobre o Esclarecimento. Existe a possibilidade de recusa à participação política quando o poder está centralizado e sem direito ao exercício da liberdade. Nem assim é uma articulação fácil se fazer a articulação entre vida do passado e da

[8]Número 358 do *Dits et écrits.* Entrevista sobre a vida criativa no campo da sexualidade, em especial no movimento homossexual.

modernidade, mesmo de forma transversal e indireta, através do chamamento à modificação da vida social e política pelo apelo ao uso da razão autônoma e aos valores éticos. Na antiguidade, com outras modalidades sociológicas, observamos sobretudo uma estrutura social que é marcada pela diferença dada pelo sangue e pelas origens familiares, assim como pelas guerras, como era o caso da Grécia e do Império Romano na antiguidade.

Com sua leitura de Kant, em nenhum momento Foucault mostra qual o nexo intrínseco que poderia existir na interpretação da vida pessoal e da realização política entre o tempo do Esclarecimento e a Antiguidade[9]. Salvo o fato de que a análise de Kant sobre o esclarecimento e a modernidade poderia decorrer de uma leitura agonística, estratégica e política, no caso do cuidado e da transformação de si na antiguidade, enquanto caso análogo e por assim dizer antecipado do 'entusiasmo pela revolução' indicado por Kant.

RECEBIDO em 14/01/2023
APROVADO em 16/04/2023

[9]Na aula de 5 de janeiro de 1983, uma extensa passagem trata diretamente da questão. Cito: "vocês sabem perfeitamente como, ao longo do século XVII, e no início do século XVIII, a questão da modernidade era apresentada. Mas, para falar de maneira muito esquemática, a questão da modernidade tinha sido levantada, digamos, na cultura clássica, segundo um eixo a meu ver longitudinal. Isto é, a questão da modernidade era tida como uma pergunta em termos de polaridade, enquanto uma questão que dizia respeito à polaridade entre a antiguidade e a modernidade. Ou seja, a questão da modernidade se punha em termos seja de uma autoridade a aceitar ou rejeitar(qual autoridade aceitar? Que modelo seguir?, etc.), seja ainda sob a forma, por sinal correlata à primeira, de uma valorização comparada: os Antigos são superiores aos Modernos? Estamos num período de decadência, etc.?[..]} Ora, eu creio que com Kant – e me parece que isto se vê claramente no texto sobre o *Aufklärung* -, surge, aflora uma nova maneira de se levantar a questão da modernidade, não numa relação longitudinal com os antigos, mas nisto que se poderia chamar de relação sagital, ou uma relação se vocês desejarem, vertical, do discurso face à sua própria atualidade.[...]. Qual é minha atualidade? O que faz com que eu fale de minha atualidade? É isto, a meu ver, em que consiste tal interrogação nova sobre a atualidade"(FOUCAULT, 2008, pág. 15). De fato, a questão dos nexos entre a antiguidade e a modernidade não é diretamente tratada por Foucault.

BIBLIOGRAFIA:

FOUCAULT, M.- *Dits et écrits*. Paris: Gallimard, 1984, vol. IV.

FOUCAULT, M.- <<*Il faut défendre la societé*>> . Paris: Gallimard. 1997.

FOUCAULT, M.- *Sécurité, territoire, population*. Paris: Gallimard. 2004.

FOUCAULT, M.- *Le gouvernement de soi et des autres*. Paris: Gallimard. 2008.

FOUCAULT, M.- *Le courage de la verité*. Paris: Gallimard. 2009.

KANT, I.- Réponse a la question: Qu'est-ce que <<les lumières>>**?** In *La philosophie de l'histoire(opuscules)*. Paris: Denoel/Gonthier. 1947.

_____ - Le Conflit des Facultés. In *La philosophie de l'histoire(opuscules)*. Paris: Denoel/Gonthier. 1947.